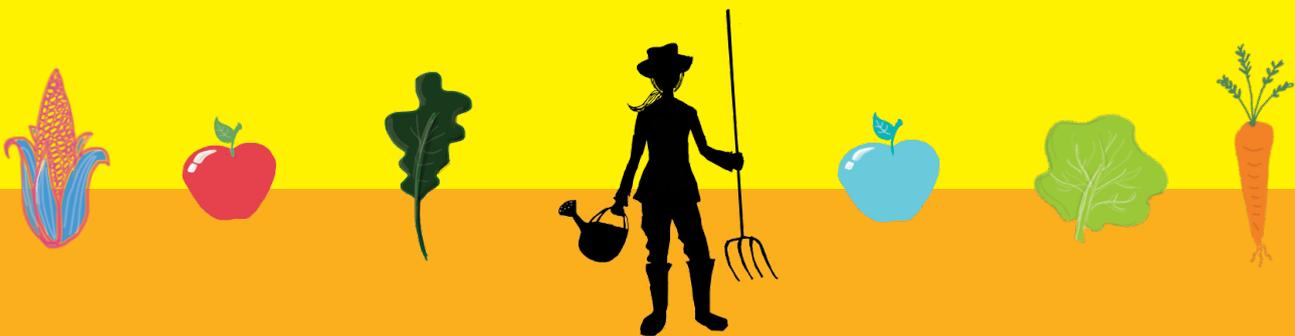


BIODIVERSO

Outubro -2016



• **NÃO aos Transgênicos** •
SIM à Soberania Alimentar e à Justiça Climática



alimentos TRANSGÊNICOS

NENHUM BENEFÍCIO Muito mais agrotóxicos Muitas incertezas e riscos

Os produtos transgênicos são criados em laboratório misturando artificialmente parte da genética de espécies diferentes de animais, vegetais ou micróbios. O conhecimento atual da ciência não garante que essa manipulação de genes seja segura para o consumidor. Por isso a transgenia em si já é um risco.

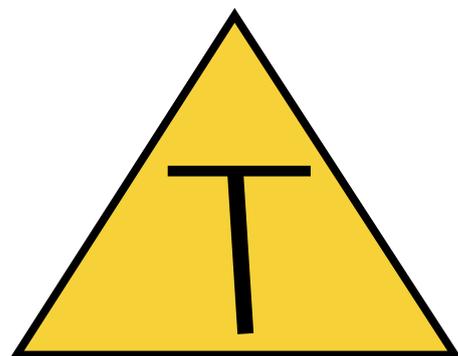
Desde que os transgênicos foram introduzidos na alimentação, no final dos anos 1990, aumentaram os casos de alergia e resistência a antibióticos. Sem falar em outras doenças graves cuja conexão com a transgenia ainda é pouco investigada, tais como câncer, autismo e Parkinson.

Além da contaminação ambiental pelo aumento no uso de venenos nas lavouras, os transgênicos colocam em risco as sementes tradicionais de alimentos consumidos no dia a dia.

A grande mídia, médicos, políticos, governantes, cientistas de todas as áreas, e mesmo cidadãos famosos, mentem ou silenciam a respeito dos riscos dos transgênicos. Famílias de consumidores e agricultores, que não foram alertadas ou que foram enganadas pela omissão ou pela ação direta de tantos indivíduos e empresas, sofrem as consequências sobre a saúde. Não faça experiências com sua saúde e a de seus filhos.

Desde 2003 as embalagens de alimentos e rações contendo transgênicos deveriam, obrigatoriamente, ter este símbolo para que o consumidor pudesse saber o que está comprando.

**Se tem o T,
diga NÃO!**



Praticamente TODOS os alimentos industrializados não certificados como orgânicos e que têm derivados de soja e milho, contêm transgênicos, mesmo que a embalagem não tenha o .

Mais informações:

www.centroecologico.org.br / www.cetap.org.br / www.agapan.org.br

JUSTIÇA CLIMÁTICA

Quando se fala da questão ambiental, o aquecimento global é o problema da hora. Criado por poucos, sentido por todos, existe uma clara intenção de falsear a verdade, socializando responsabilidades. Como saída, a perversa lógica de gerar problemas para vender soluções segue sendo priorizada. Buscar novos – e vendáveis – combustíveis sim, aumentar eficiência e diminuir necessidades, não. Consumir menos? Nem falar. Ainda mais agora que estamos convencidos que o consumo é o antídoto para a depressão – econômica ou humana – e a pílula da felicidade.

Na agricultura essa perversa lógica encontrou um campo fértil. A tônica dos últimos séculos foi a substituição de “velhas” técnicas de produção que priorizavam os recursos locais por outras, mais “modernas”, baseadas em insumos industriais. Muitas dessas substituições significaram, e significam, menos sequestro de carbono e mais emissão de gases causadores de efeito estufa. Cavalos por tratores, leguminosas por ureia, consórcio e rotações por praguicidas. Nesse mesmo período, ampliou-se a transformação dos produtos agrícolas, assim como a distância até o consumidor. O resultado? Mais consumo de energia e emissão de gases de efeito estufa.

Já há algumas décadas a Agricultura Ecológica busca reescrever essa história, deixando o “moderno” ultrapassado e fazendo do “velho” a novidade. Simples na sua prática, sofisticada no seu desejo de explicá-la, a mescla de saberes ancestrais e conhecimentos contemporâneos vem funcionando em inúmeros rincões latinoamericanos. Evitando emissões da fabricação e distribuição dos arsenais militares travestidos de insumos agrícolas, mantém os ciclos de nutrientes mais próximos aos ciclos naturais e emite menos dos gases que estão transformando o planeta numa grande estufa.

A Agricultura Ecológica, além disso, gera condições para que homens e mulheres permaneçam no campo, pressiona menos os recursos naturais, produz alimentos e fibras de qualidade. De passagem esfria o planeta, utilizando a feliz expressão de Via Campesina.

Tendo como matriz energética o sol, troca insumos industriais baseados no petróleo por insumos naturais baseados na fotossíntese - ureia por leguminosas, praguicidas por consórcios e rotações.

Fazer agricultura esfriando o planeta não é uma tarefa estritamente agrônômica. É necessário um olhar sobre todo o sistema agroalimentar. E esforços para promover os produtos e o comércio local, assim como reduzir distâncias entre produção e consumo, porque são condições indispensáveis a essa nova proposta.

O exemplo da agricultura é emblemático e poderia servir de referência para o modus operandi da sociedade contemporânea. Problema identificado: a fome. A pseudo busca de soluções começa pelo aumento da produção mundial de alimentos. Usando como mote problemas técnicos reais, a indústria agroquímica criou e vendeu falsas necessidades e soluções. Propôs uma “revolução”. Mesmo o objetivo que foi alcançado, o aumento da produção, não solucionou o problema: a fome. E ainda produziu inúmeros efeitos colaterais, sociais e ambientais. Esses fatos se tornam comuns, agora que a política está descolada da ética e submetida à economia, as pessoas são apenas consumidores e a vida virou mercadoria. Reverter isso depende da mesma equação que se demonstrou exitosa na agricultura: fazer do velho o moderno, mesclando passado e futuro, re-criando o agora.

NÃO

aos **Transgênicos**

Sim à Soberania Alimentar
e à Justiça Climática

 **FRAMTIDSJORDEN**
FUTURE EARTH • TIERRA DEL FUTURO • TERRA DO FUTURO

SOBERANIA ALIMENTAR



É um direito!

O acesso a um alimento saudável e de boa qualidade é um direito universal dos povos, e deve se sobrepor a qualquer fator econômico, político ou cultural que impeça sua efetivação. Todas as pessoas devem ter direito a um abastecimento alimentar seguro, culturalmente apropriado e em quantidade e qualidade suficiente para garantir seu desenvolvimento integral. É a esse direito que chamamos de Soberania Alimentar!

A noção de Soberania Alimentar foi desenvolvida pela Via Campesina, e levado ao debate público por ocasião da Cúpula Mundial da Alimentação em 1996. Desde então tem se convertido em conceito-chave no debate internacional, inclusive no âmbito da ONU.

O conceito de Soberania Alimentar remete, além disso, a um conjunto mais amplo de relações: ao direito dos povos de definir sua política agrária e alimentar, garantindo o abastecimento de suas populações, a preservação do meio ambiente e a proteção de sua produção frente a concorrência desleal de outros países.

Infelizmente, esse direito de todo ser humano tem sido negligenciado de forma sistemática por nossa sociedade e nossos governantes. É fácil constatar que as formas que atualmente predominam na produção, processamento e consumo de alimentos têm aprofundado a desigualdade entre pessoas, países e territórios, aumentando a insegurança alimentar e nutricional da população mundial. Como se fosse pouco, têm ainda acelerado o processo de degradação ambiental nos diferentes continentes, ampliando, ao mesmo tempo, o

controle das grandes corporações sobre o sistema agroalimentar.

A Agricultura Ecológica é parte importante para assegurar a Soberania Alimentar de nossa sociedade, de todos nós que produzimos e consumimos alimentos. Não apenas por não utilizar agrotóxicos e transgênicos, manter a diversidade dos cultivos, preservar o solo e respeitar todas as formas de vida, mas também por estimular as agroindústrias ecológicas e a aproximação entre o campo e a cidade, através dos chamados circuitos curtos de comercialização.

Como todos sabemos, existe hoje uma forte concentração nas redes de varejo de alimentos, que alongam canais de distribuição, desestruturam redes locais de abastecimento e pasteurizam o consumo, limitando nossa dieta alimentar. Contrariando esta tendência, aqueles que praticam a agricultura ecológica têm buscado privilegiar o mercado local para escoamento de sua produção

Dessa forma, todos e cada um de nós pode fazer a diferença, produzindo e consumindo qualidade!

NÃO

aos Transgênicos

Sim à Soberania Alimentar
e à Justiça Climática

P.S. Quer saber mais sobre Soberania Alimentar?

Leia a Declaração de Nyélény em:

<https://nyeleni.org/spip.php?article327etransgênicos>



arte: Carol Salles

